



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
DEPARTAMENTO DE ENSINO E CURRÍCULO

CAROLINA CARLOS DE ARAÚJO PEREIRA

**DESAFIOS EDUCACIONAIS DE JOVENS EM TRANSIÇÃO DO ENSINO
REGULAR PARA A EJA**

Recife

2023

CAROLINA CARLOS DE ARAÚJO PEREIRA

**DESAFIOS EDUCACIONAIS DE JOVENS EM TRANSIÇÃO DO ENSINO
REGULAR PARA A EJA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia
da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito parcial
para obtenção do título de
licenciado(a) em Pedagogia.

Aprovado em: 26/09/2023

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Janayna Silva Cavalcante de Lima (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dr. Clarissa Martins de Araújo (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Ms. Jéssica Ribeiro de Oliveira (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

DESAFIOS EDUCACIONAIS DE JOVENS EM TRANSIÇÃO DO ENSINO REGULAR PARA A EJA

Carolina Carlos de Araújo Pereira¹
Janayna Silva Cavalcante de Lima²

Resumo

Neste artigo objetivamos compreender que desafios os jovens enfrentam nas suas trajetórias nos processos de transição do ensino regular para a Educação de Jovens e Adultos. Dialogando com Marília Sposito, Miguel Arroyo e Pierre Bourdieu, entre outros autores, buscamos lançar um olhar mais próximo das trajetórias humanas e escolares dos sujeitos da pesquisa com abordagem qualitativa, integrada e criteriosa, a partir da aproximação ao campo e às pessoas envolvidas no processo. Utilizamos a análise do discurso foucaultiana para compreender as informações reunidas e apresentamos que as histórias pessoais das estudantes pesquisadas relacionam-se aos desafios de retornar à escola na modalidade da EJA.

Palavras-chave: Desafios Educacionais; Trajetórias; Jovens da EJA.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo objetivamos compreender que desafios os jovens enfrentam nas suas trajetórias nos processos de transição do ensino regular para a Educação de Jovens e Adultos. O nosso interesse pelo tema emergiu de experiências como estudante de Pedagogia nas aulas de campo realizadas na disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica na Educação de Jovens e Adultos, em abril de 2022, em uma escola que funciona como Centro de Educação de Jovens e Adultos da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco. Nela foi possível observar presença significativa de jovens com menos de 20 anos nas salas de aula. Através de conversas com alguns estudantes descobrimos que parte deles tinha histórico de vinda de escolas e séries de ensino regular por diversos motivos,

1. Concluinte do Curso de Pedagogia, período 2023.1, ano 2023 - Centro de Educação - UFPE. E-mail: carolina.carlosaraujo@ufpe.br

2. Professora Departamento de Ensino e Currículo - Centro de Educação - UFPE. E-mail: janayna.lima@ufpe.br

dentre os quais destacamos: retenção nas séries que se encontravam, evasão escolar, desejo de acelerar o processo de finalização do ensino fundamental e médio, bem como a orientação de profissionais das instituições de origem para que buscassem classes de educação de jovens e adultos. Quando perguntados sobre como se sentiam na escola atual com relação às outras de onde tinham vindo, alguns estudantes se mostraram satisfeitos com o novo espaço, enquanto outros não, como é o caso de um aluno que destacou: “gosto daqui mas queria tá com meus colegas na outra escola”. Desta forma, surgiram reflexões por meio da observação e do diálogo com os educandos, que mostraram ser importante lançar um olhar mais próximo para as trajetórias escolares deles, de que sentidos eles trazem antes e durante essa transição entre o ensino em tempo regular, o afastamento temporário da escola e o reingresso posterior na modalidade da EJA, entendendo como se deu esse processo e os sentidos dessa experiência que os sujeitos envolvidos mencionam.

Segundo informes do Departamento de Estatísticas Educacionais do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, o Deed/Inep, com base nos dados do Censo Escolar da Educação Básica, do ano 2021, no que se refere ao estado de Pernambuco: “A educação de jovens e adultos (EJA) é composta por alunos com menos de 20 anos, que representam 27,8% das matrículas.” (INEP, 2022). Ainda segundo o INEP, embora nos últimos anos, de 2017 a 2021, o número de matrículas de jovens na modalidade tenha reduzido, um contingente relevante dos que se matriculam vêm do ensino regular com histórico de retenção em busca de concluir a educação básica, o que também é confirmado no Censo Escolar do ano 2022. Somente na EJA Fundamental cerca de 230 mil alunos estavam matriculados, demonstrando também que a redução de matrículas foi menor na etapa dos anos finais do ensino fundamental.

O nosso interesse voltou-se para as causas dessa transição do ensino em tempo regular a fim de entender se essa ida é uma escolha do aluno, se é imposição da escola, se são as condições sociais e econômicas que exigem essa decisão e as possibilidades e desafios que se apresentam diante dos jovens envolvidos nesse processo. Para este fim, é preciso conhecer de perto os sujeitos da pesquisa, suas histórias sociais e escolares bem como as perspectivas que advém da decisão de ingressar na modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Importa compreender os desafios enfrentados por eles, a

partir da condição de sujeitos da ação, e como se expressam acerca desses movimentos em seu contexto social.

Iniciaremos discutindo os significados do que é ser jovem, refletindo sobre as juventudes, os processos de transição escolar dos jovens e suas histórias humanas e trajetórias que perpassam o processo educativo, bem como o papel da Educação de Jovens e Adultos, que garante os direitos à educação para quem, por diversos motivos, não conseguiu dar continuidade aos estudos no tempo regular previsto.

Dialogamos com Marília Sposito, Pierre Bourdieu, Miguel Arroyo, Flávia Rodrigues, entre outros autores. Neste diálogo levaremos em conta, também, os conceitos próprios que os jovens trazem de si e de suas juventudes e a relação com os processos de escolarização, fazendo isso por meio de pesquisa de campo com abordagem qualitativa.

Partimos da seguinte questão norteadora: que desafios os jovens enfrentam na sua trajetória diante dos processos de transição do ensino em tempo regular para a modalidade de Educação de Jovens e Adultos? Com o objetivo geral buscamos compreender esta questão e para isso traçamos como objetivos específicos, em primeiro lugar, caracterizar o perfil socioeconômico dos sujeitos da pesquisa; em seguida, conhecer as trajetórias escolares dos sujeitos no processo entre o sair e o regressar à escola e, por fim, delinear quais as expectativas diante da decisão de retornar à escola.

Jovem, Juventude, Juventudes: uma categoria em permanente construção

Quando falamos neles, os jovens, iniciamos pelo olhar institucional sobre a juventude no seu estatuto, que conceitua jovens pessoas entre 15 a 29 anos de idade, assegurando-lhes direitos universais, dentre os quais está a educação básica, mesmo quando da impossibilidade de concluir o ensino regular no tempo previsto. Mas para discutir melhor este objeto é preciso ir além do etarismo, pois necessitamos colocar o jovem no lugar sócio-histórico em que se encontra atualmente.

Segundo Bourdieu (1980): “Juventude é só uma palavra.”. O que nos leva a refletir que é bem mais que uma palavra que possamos definir, tentando simplificar o que de fato é complexo. O conceito de jovem é uma invenção do mundo moderno. São

diversos os elementos que fundamentam a passagem da infância à juventude e desta à idade adulta, influenciados por fatores políticos, econômicos e sociais. Segundo o sociólogo francês, "É sobretudo na sociedade industrial, no largo processo de transição do feudalismo para o capitalismo e na sociedade pós-industrial, que se observa, historicamente, a emergência de um grupo social nomeado juventude."

Ela se caracteriza, portanto, pela considerável riqueza e diversidade que a constitui, logo, por este motivo, falar no singular sobre esse fenômeno não engloba todos os sujeitos que dela participam e delimitá-la somente quanto à idade parte seu sentido diverso, já que não pode ser explicada apenas biologicamente, pois é social e culturalmente construída em uma constante resignificação ao longo do tempo e da história. É, portanto, mais adequado falar de juventudes, de pluralidades e diferentes contextos, conceitos e fases na sociedade.

Sposito (1997) reconhece que "a própria categoria juventude encerra um problema sociológico passível de investigação", apontando que "no período pré-industrial não existia a adolescência como entendemos hoje.". Assim também Bourdieu afirma, segundo Pais (1990, p. 140), que "o fato de se falar dos jovens como de uma unidade social, de um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e de se referir esses interesses a uma idade definida biologicamente, constitui já uma evidente manipulação.". Vários autores corroboram a ideia de que o conceito homogeneizado de juventude mudou ao longo da história e do tempo, que foi construindo essa nova categoria sob diferentes aspectos.

Tidos como muito jovens para algumas coisas e velhos para outras, desafiando limitações temporais, dependendo das perspectivas sobre as quais são olhados, os jovens hoje são partícipes de múltiplas trajetórias, histórias, vivências e grupos sociais e questões de classe, intergeracionais, de gênero, sexualidade, da própria identidade, de trabalho e lutas que atravessam seus caminhos de variadas formas. A construção das juventudes se dá a partir de novos sentidos à medida que a própria sociedade vai passando por mudanças e se renova constantemente.

O jovem é sujeito político, dotado de direitos inalienáveis de suma importância, garantidos por lei própria, amparada pela Constituição Federal de 1988, no artigo número 205, que assegura a todos o direito à educação. Ao não concluir a educação básica na idade adequada, a modalidade da educação de jovens e adultos

possibilita que ele dê continuidade aos processos de ensino e aprendizagem, respeitando suas especificidades e necessidades.

Processos de transição de jovens do ensino em tempo regular para a modalidade da EJA

Dentro deste movimento histórico em constante desenvolvimento e reflexão construtiva se encontram os jovens das camadas populares que, por diversos motivos, têm feito transições em seus percursos escolares nos últimos anos no Brasil. Ora abandonam os estudos e depois retomam, ora se veem permeados por situações onde necessitam tomar decisões, ora se perdem e depois se encontram. Parte dessa população juvenil, num curso processual e algumas vezes não linear, transita entre o ensino em tempo regular e regressam à escola na modalidade da educação de jovens e adultos.

Trazemos o sentido de transição como passagem de um determinado lugar a outro. Um sentido permeado de situações. Quando se refere ao jovem que vem do ensino em tempo regular e muda para a Educação de Jovens e Adultos, esse significado é ampliado diante das circunstâncias em que se dá esse evento, que muitas vezes é envolto num sentimento de fracasso escolar, de não conseguir avançar nos estudos junto às turmas da escola das quais nas quais estudavam antes do ingresso na EJA, de se sentir desestimulado pelos estudos ou ser forçado a desistir de ir à escola por fatores externos e/ou internos, ou seja, existe um repertório de histórias e trajetórias fazendo dessa transição um caminho não linear, não imediato.

Santos (2020) pesquisou porque os jovens estão se transferindo para a EJA. Ela apontou que "a gravidez precoce ocasionada ou agravada pela negligência familiar" são fenômenos indesejáveis que acontecem, ter que trabalhar, antecipando a vida produtiva pode ser também um fator importante, bem como outros igualmente relevantes. Ela endossa que o incentivo da família é importante para que os filhos continuem na escola. Esses elementos compõem investigações realizadas em estados do Brasil como Maranhão e Rio Grande do Sul, que retratam processos atuais de juvenilização na EJA, vindos de uma mudança de público histórica.

Segundo Carvalho e Lima (2017, p.81): "Os jovens, quando chegam à EJA, em geral, estão desmotivados, desencantados com a escola regular, com o histórico de repetência de um, dois, três anos ou mais.". Isso demonstra que suas necessidades educacionais de aprendizagem podem ter ficado estagnadas na escola por algum motivo.

Seriam os fatores internos responsáveis por este fenômeno? Houve o abandono escolar por razões externas a isso? Até que ponto fatores externos à escola interferem ou não no desenvolvimento do processo educativo? Que discursos expressam jovens pernambucanos em suas histórias individuais? Há perguntas que somente os sujeitos da ação conseguem responder.

Os jovens de hoje têm trajetórias pessoais e escolares interligadas às suas experiências, culturas e fatores que os levam a procurar caminhos a percorrer para obter êxito nos seus projetos de vida. Arroyo (2017) reflete que "[...] é necessário conhecer suas trajetórias escolares para além de notas, conceitos, aprovados ou reprovados. Sem conhecer suas trajetórias humanas não conheceremos suas trajetórias escolares.". É percebendo esse movimento entre ir e vir, que faz-se necessário compreender que desafios perpassam o reingresso à escola e que expectativas, se existem, os jovens têm.

O papel Fundamental da Educação de Jovens e Adultos

A educação de jovens e adultos é referência na educação como direito. A inclusão social, política e cultural é a base de seus princípios norteadores. Ela tem entre suas atribuições as funções reparadora, equalizadora e qualificadora dos sujeitos nela inseridos. A partir de 15 anos de idade, a matrícula na modalidade pode ser realizada no Ensino Fundamental, assim como na EJA Médio de 18 anos em diante.

A função reparadora se refere ao direito a uma escola de qualidade, ao reconhecimento da igualdade ontológica do ser humano a ter um bem real, simbólico e socialmente significativo. Já a função equalizadora trata da igualdade de oportunidades, que possibilita o desenvolvimento de pessoas de todas as idades, entre eles, novos conhecimentos e acesso ao trabalho e à cultura. Quanto à qualificadora, ela é o sentido da educação de jovens e adultos, numa perspectiva de educação permanente em que os indivíduos se desenvolvam em espaços escolares e não escolares, respeitando o caráter incompleto do ser humano. De acordo com Gomes (2011, p. 87) "A EJA é um campo compreendido no terreno dos processos, políticas e práticas educacionais voltados para a juventude e para a vida adulta, realizados dentro e fora do contexto escolar."

Os novos sujeitos que se matriculam na EJA revelam que, a cada dia, a modalidade se encontra numa configuração mais jovem, demonstrando também o

encontro de diferentes gerações e concepções de mundo, o que é rico e desafiador ao mesmo tempo.

O processo de juvenilização que a EJA vivencia encontra eco nas experiências de sujeitos de todas as idades, já que a questão geracional é importante ponto de debate para a equalização de estratégias pedagógicas que contemplem seus estudantes reais. Diferentes formas de encarar a escola causam conflitos entre eles, e separá-los em nichos não é uma opção construtiva, já que a tolerância entre as gerações é mais um dos aprendizados sociais que pode ser desenvolvido. (Rodrigues, 2021, p. 151).

Ela ainda argumenta que a educação de jovens e adultos tem acolhido esses sujeitos, tendo um perfil discente "impreciso e de difícil definição, tanto no que se refere à faixa etária quanto às questões sociais.". Compreender essas novas juventudes na EJA significa vê-las para além de generalizações, afinal, os jovens trazem um diversificado capital cultural consigo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A abordagem de pesquisa utilizada é a qualitativa, que, segundo MINAYO (1994): "se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha como universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes.". Isto é, para compreender um fenômeno é preciso estar integrado a ele, observando de perto e fazendo análise cuidadosa e criteriosa dele, a partir das pessoas envolvidas no processo. Não se faz de qualquer forma, mas com critérios. Utilizamos a pesquisa de campo, que nos aproximou diretamente dos sujeitos da ação, visitando escolas e entrevistando os seus sujeitos.

Inicialmente, nos propomos, em maio de 2023, a fazer pesquisa numa escola municipal de Recife, Pernambuco, que tinha um número significativo de jovens estudando na EJA, porém, a partir do mês de junho começou um processo de reforma estrutural na instituição e todos os estudantes precisaram participar de aulas remotas, por tempo indeterminado.

Decidimos então buscar outro campo na Região Metropolitana de Recife que oferecesse a educação de jovens e adultos presencialmente. De acordo com informações atualizadas em Março/2023, pelo site oficial de notícias da Prefeitura municipal do

Paulista, no ano de 2019, 1.545 alunos estavam matriculados na EJA no município, segundo dados da Secretaria de Educação. Foi escolhida a Escola Municipal Dr^a Gelda Amorim, situada em Paratibe, bairro industrial, de comércio e serviços da cidade de Paulista. O espaço atende estudantes do ensino fundamental 2, tanto nos horários diurnos quanto no horário noturno, contemplando as etapas da EJA anos finais durante a noite.

A gestão da escola foi consultada sobre a presença de jovens entre 18 a 25 anos na EJA, que pudessem ser consultados sobre a realização das entrevistas, o que foi confirmado. Uma docente apresentou estudantes de 6º e 7º ano, na primeira etapa de anos finais da modalidade, onde havia um público mais jovem na escola. Apresentamos aos estudantes o tema e objetivo geral da pesquisa e convidamos os que, em caráter voluntário e com assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, quisessem colaborar com o estudo e estivessem dentro do perfil: em processo de transição do ensino regular para a EJA ou que tenham passado por isto e reingressado posteriormente à escola. Duas estudantes se disponibilizaram a participar.

Inicialmente, foi apresentado um questionário de perfil socioeconômico, com 15 questões de múltipla escolha, para identificar de quais juventudes e lugares de fala viriam as contribuições. Ou seja: quem fala? De que lugar vêm os discursos pronunciados? Lugares estes identitários, significativos. Um questionário, segundo Gil (2009), é uma técnica de investigação com questões que possuem o propósito de obter informações.

Em seguida, começou a etapa de entrevista semiestruturada, com questões que abriram espaço para entender por quais percursos e de que forma as jovens se relacionavam com a escola e quais as compreensões que traziam sobre o reingresso no ambiente educacional, a partir de como se colocaram e contaram suas histórias. Consideramos, em acordo com Rocha (2004), que “A entrevista não é mera ferramenta de apropriação de saberes, representando, antes, um dispositivo de produção/captação de textos, isto é, um dispositivo que permite retomar/condensar várias situações de enunciação ocorridas em momentos anteriores (Rocha, D.; et. al., 2004, p. 14).

Optamos por analisar o discurso que os sujeitos da pesquisa enunciam diante das questões apresentadas nas entrevistas, na multiplicidade de significações presente no objeto de pesquisa, por meio do olhar atento sobre os enunciados que os sujeitos produzem. Segundo Foucault "há uma cumplicidade primeira com o mundo [que]

fundaria para nós a possibilidade de falar dele, nele; de designá-lo e nomeá-lo, de julgá-lo e conhecê-lo, finalmente, sob a forma da verdade" (2011, p.48).

Para fazer essa reflexão discursiva temos primeiro o apoio do questionário socioeconômico, que coloca os sujeitos no contexto social, histórico e cultural, abrindo espaço para compreender que desafios as jovens enfrentam nas suas trajetórias nos processos de transição do ensino regular para a Educação de Jovens e Adultos. Em que campo se inserem os enunciados dos indivíduos atravessados pelas experiências vivenciadas. Neste ínterim, dialogamos a partir das entrevistas. Ou seja: quem fala? De que lugar vêm os discursos produzidos?

[...] o convite que o pensamento foucaultiano nos faz é o de imergir nesses ditos que se cristalizam e buscar descrever - tanto no interior das próprias pesquisas já feitas sobre o tema, como numa nova proposta de estudo empírico - práticas discursivas e práticas não discursivas em jogo, de tal modo que possamos fazer parecer justamente a multiplicidade e a complexidade das coisas ditas [...] (Fischer, Rosa M. B. , 2003, p. 375.)

CONHECENDO AS ESTUDANTES DA EJA - SUJEITOS DA PESQUISA

Nesta seção apresentamos os dados dos questionários de duas jovens estudantes mulheres, com idades de 18 anos e 19 anos, caracterizando seus perfis socioeconômicos. A fim de entender de que lugares provêm os discursos expressados nas entrevistas que virão em seguida.

Informante 1 - Tem 18 anos, preta, sexo feminino, cisgênero, solteira, não trabalha, tem um filho de 1 ano e seis meses, participa de uma instituição religiosa, mora com a mãe em casa alugada, a mãe tem nível médio incompleto de escolaridade e o pai tem nível superior completo.

Informante 2 - Tem 19 anos, parda, sexo feminino, cisgênero, solteira, trabalha num emprego informal, mas não se matriculou na EJA por causa do trabalho, não tem filhos, mora com o companheiro em casa alugada, não sabe informar a escolaridade do pai, sobre a mãe o nível é ensino médio incompleto.

Ao responder o questionário, as estudantes se expressam, dão voz às respostas, começam a falar de si. Fica evidente que apenas escrever no papel não abarca dizer quem são, é preciso mais, muito mais. Falar dá espaço à construção subjetiva da

identidade. Exemplo disso é a colocação da **informante 1**: "*Eu me considero preta. Apesar de na minha certidão estar lá parda, mas eu me considero preta. Eu não sou morena não!*".

Ela diz isso consciente, altiva, sorri ao expressar seu lugar. O uso dessa linguagem ecoa primeiramente como um reconhecimento ancestral da enunciativa. Da Silva (2011, p. 6) diz que "assumir-se negro no Brasil não é apenas uma questão de pertencimento a um grupo social. É antes de tudo, colocar-se frente a um processo de exclusão e lutar cotidianamente por reconhecimento, por valorização, por visibilidade.". Colocar-se neste lugar de fala abarca um dizer individual e ao mesmo tempo expressa um contexto coletivo, do campo social, político e histórico.

No discurso da **informante 2** acontece o titubeio, a hesitação, a dúvida. Ora risca um elemento no item cor/raça, ora outro. Pensa. Reflete. Constrói. Reconstrói. Através desse texto construído por ela existem ditos que não foram ditos, reverberam questões mais aprofundadas que o simples dizer. A questão sobre quem se é numa prática discursiva é tão complexa, que não é simples desvelar, já que no campo enunciativo se vê repleta de significações vindas dos processos de subjetivação. Ela não busca um dado concreto, palpável, mas se interioriza no não dito, no que não é expressado. No discurso do não saber-se, o sujeito mergulha profundamente, ainda que na ambivalência das suas percepções. "Foucault (2010) fala que a moderna hermenêutica de si (no contexto da qual a Psicologia e a Psicanálise) está muito mais filiada às práticas de confissão, exame de si e *exagoreusis* presentes na direção cristã do que propriamente às práticas na direção antiga" (Benevides, S. Pablo; 2013, p. 381-383).

Na linguagem de cada uma dessas mulheres encontramos uma diversidade de histórias que se encontram na escola, com duas jovens que demonstraram uma clara vontade de expressar-se ao longo da pesquisa. Para Arroyo (2017), quando trata dos jovens, é importante entendê-los para ajudá-los a entender-se.

Quando começamos a conhecer as trajetórias escolares das estudantes, isso possibilita entender as tramas humanas imbricadas nas suas narrativas. Que são tramas? São os enredos, os fios que tecem as histórias e permeiam as trajetórias. Nelas há continuidades e descontinuidades, presentes de tal forma que remetem à diversas reflexões. Estão imbricadas, interligadas e inseparáveis do próprio ciclo da vida. Dão

conta de que diferentes contextos influenciam situações em diversos campos da vida, inclusive a educação.

Envoltos em teias de caminhos e descaminhos encontram-se os jovens da EJA, num alongamento entre o ir e vir da infância até a idade adulta e da escola nos seus percursos transitórios. As estudantes de que falamos revelam que passaram um longo tempo sem ir à escola: "*Eu passei muito tempo sem estudar!*" (**Informante 1**). Ela dá ênfase às palavras "muito" e "tempo" dando uma relevância potente e significativa sobre o distanciamento extenso da escola. Isso é fato importante na sua trajetória escolar. "*Eu gostava de estudar lá no Nobre...*" (de frequentar a escola em que estudou antes). Ela não sabe precisar o tempo exato que ficou distante da escola, o porquê. O discurso se expressa fragmentado, numa interrupção entre o ontem e o agora.

A segunda estudante começa a contar, a partir das respostas ao questionário, um fato da sua história: "*Eu precisei me mudar pra Caruaru com minha mãe, aí precisei parar... aí minha mãe teve dificuldade e a gente teve que voltar pra cá. Aí foi tão rápido que não pegou transferência de nada... eu parei muito tempo... eu acho que tem uns 13... 13, isso mesmo.*" (**Informante 2**). Em alguns momentos ela usa a expressão: "*eu estava perdida...*".

Nesta narrativa são encontrados sentidos de que, embora a escola fosse um elemento importante no caminho da estudante, fatores externos tornaram-se maiores que a possibilidade de dar continuidade no processo regular básico de educação. Não é simples pensar na evasão que acontece no ensino regular, senão como uma questão complexa que precisa de uma análise mais aprofundada do contexto social e econômico da época de infância e adolescência da estudante e da atual condição desta, quando jovem, na EJA. Também interessa o fato de que no discurso da estudante a expressão "estava perdida" se repete de forma a endossar o caráter relevante que ela dá a esse ponto da sua história. Para Fernandes (2013, p. 5) a maior parte dos "Estudos analisam a evasão escolar e o fracasso escolar como consequência social e não como condição individual."

A procura pela EJA: uma nova oportunidade?

Quando questionadas sobre o retorno à escola na modalidade da EJA, as estudantes expressam dificuldades e expectativas diante deste reingresso: "*É preciso,*

né? Pra gente conquistar alguma coisa mais lá na frente, né? Porque até quem tem estudo hoje é difícil, imagina quem não tem! " (Informante 1). Ou, ainda, "*Porque eu quero terminar meus estudos. Quero ser alguém na vida.*" (Informante 2).

Em ambos os enunciados é observado o peso coletivo imputado ao jovem pela sociedade, que exige posicionamentos frente à vida, onde é preciso ser produtivo para se considerar de fato um cidadão. Na primeira estudante, que gerou um filho ainda na adolescência aos 17 anos, o reingresso à escola pela EJA assume ditos de responsabilidade materna. Já não há espaço para a dúvida, afinal "*eu tenho que estar bem estruturada para manter o bebê.*".

Quando a segunda estudante menciona "ser alguém", isso denota uma profunda relação com o que disse antes "*estava perdida*". Nos enunciados dela durante a entrevista, voltar à escola é uma "salvação" de algo que foi interrompido e que ela buscou incansavelmente até conseguir dar continuidade aos estudos. Isso não demonstra, portanto, uma mera busca por certificação, mas um anseio de algo maior: "*trabalhar, me formar... eu quero ser PM.*".

Nas colocações das entrevistadas há o caráter positivo que se dá por meio de projetos de vida que ambas têm. Essas jovens das camadas populares, matriculadas na educação de jovens e adultos, se mostram conscientes do tempo político, social e econômico que estão vivenciando, buscando na educação alternativas de emancipação. Neste caso, a EJA assume o papel de ser uma nova oportunidade que permitirá, nas expectativas delas, o pleno desenvolvimento integral e profissional que almejam.

Na procura pela matrícula, a segunda estudante entrevistada se encontrou diante do desafio de não ter em mãos os documentos de transferência da outra escola que frequentou temporariamente, o que lhe causou intensa angústia. Neste relato destacamos a importância do acolhimento da escola, que foi primordial para solucionar o problema. Para a estudante, essa atitude da equipe pedagógica teve papel relevante na sua trajetória de retorno. Ambas as estudantes relataram que essa volta se deu através de indicações de parentes e de pessoas da comunidade.

Frente aos motivos de retornar à escola, vêm as dificuldades que desafiam a permanência das jovens: uma precisa de rede de apoio que auxilie nos cuidados do filho menor, para manter-se firme diante dos planos que tem com os estudos; a outra, refere cansaço ao frequentar as aulas noturnas, afinal "*Rapaz! Porque eu trabalho e chego*

cansada e ainda tenho que vir de noite (risos) pra cá, estudar? Mas não podemos reclamar, só vir!”.

Arroyo (2006, p.6) afirma que “os jovens e adultos sempre que voltam para a escola, voltam pensando em outros direitos: o direito ao trabalho, o direito à dignidade, o direito a um futuro um pouco mais amplo, o direito à terra, o direito à sua identidade”. Em meio a toda essa busca eles enfrentam diversas situações de dificuldade, que não raras vezes, tendem a desestimular sua permanência na escola. Entre o “ser alguém” e o “é cansativo”, existe a esperança de acelerar o processo: “*Eu acho que é porque aqui, se você for fazer na EJA, termina muito rápido...*” (**Informante 2**). Entre o “*conquistar alguma coisa mais lá na frente, né?*” existe o “*Às vezes bate o cansaço, às vezes a gente está muito cansada de trabalhar, né? Cuidar de criança não é fácil! Quem é mãe sabe disso*” (**Informante 1**). Falas como estas não são incomuns aos sujeitos da EJA, porém demonstram a necessidade de um olhar mais humano e atento para os estudantes que dela fazem parte.

Considerações Finais

Neste estudo, buscamos compreender que desafios os jovens enfrentam na sua trajetória diante dos processos de transição do ensino regular para a Educação de Jovens e Adultos através de entrevistas semiestruturadas com estudantes da modalidade. Antes delas, procuramos conhecer os perfis socioeconômicos dos sujeitos que se disponibilizaram a participar da investigação. Os questionários de perfis que aplicamos possibilitaram trazer alguns recortes, dentre eles o de gênero. A pesquisa foi produzida com duas mulheres que são de classes populares, moradoras de comunidade periférica urbana, industrializada, de comércio e serviços e com variadas atividades informais de trabalho. Uma estudante está desempregada, tem um filho e mora com a mãe, que tem um emprego, em uma casa alugada. A outra estudante também mora de aluguel com o companheiro e está ocupada no trabalho informal, que representa uma fragilidade social por não manter vínculos empregatícios e, por consequência, direitos trabalhistas.

Ambas se autodeclararam pretas ou pardas, o que trazemos como recorte racial de parte considerável da população matriculada na EJA, representando 77, 5% dos estudantes neste perfil, no Ensino Fundamental, segundo o Censo Escolar de 2022. Reflexo de desigualdades sociais e educacionais históricas no Brasil. Foram estes

elementos importantes para delinear de quais lugares de fala viriam os discursos produzidos neste artigo, aproximando nossas análises das condições de vida das estudantes.

Salientamos que não há um processo linear de transição dos jovens. Alguns vêm direto das séries de ensino regular para a EJA, eles "migram" para a modalidade mais rapidamente, a fim de corrigir a distorção idade/ano; outros, como as jovens que conhecemos, percorrem um longo tempo nas suas trajetórias até a matrícula na EJA e ambos representam as classes populares da sociedade brasileira.

Frente às primeiras informações, obtivemos diversas outras na etapa de entrevistas, dentre as quais: relatos de uma alongada evasão escolar entre a saída da infância e a adolescência das estudantes, a partir do início da primeira etapa do ensino fundamental anos finais. Não há memórias negativas sobre as escolas frequentadas anteriormente nem relatos de retenção ou repetição de séries, o que nos leva a refletir que nem sempre é o histórico de retenção que causa o fracasso escolar. Consideramos que fatores externos à escola, de fato, foram as causas prováveis dessa interrupção no processo educacional na idade esperada. Um deles foi a necessidade de mudança de cidade, de escola, de ajuda à genitora no novo emprego, segundo a informante número dois, que precisou recomeçar seus estudos em outro lugar e de forma repentina teve seu processo novamente descontinuado.

Foram idas e vindas de cidades, causando instabilidades por questões sociais e econômicas. Nesse meio estava uma adolescente em idade escolar, que não teve tempo de obter seu documento de transferência para outra escola e ficou distante desde então das instituições educacionais. Embora não tenha conseguido explicitar o porquê de tantos anos longe da escola, a informante número um também revelou na pesquisa que durou muito tempo esse fenômeno. Esse dado revela que o distanciamento da escola se traduziu em negação de direitos humanos fundamentais: a educação como direito de todos e dever da família e do Estado. Este direito é garantido por lei específica, no Estatuto da Criança e do Adolescente, no Artigo 53: "A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho (BRASIL, 1990).".

Compreendemos que nas relações com o fracasso escolar há aspectos inter-relacionados de tal forma que se faz necessário analisar esse fenômeno social envolvido com as diversas questões que reproduzem lógicas presentes na sociedade. Há

ainda uma cultura corrente de culpabilizar as famílias e os alunos pelo insucesso escolar, o que não resolve esta questão complexa. É dever do Estado, através das políticas públicas, pensar no aluno como sujeito de direitos, atuando na busca ativa dos estudantes que se ausentaram da escola e assegurando condições de acesso e permanência na escola, reconhecendo que para pessoas pretas e pardas isso acontece de forma desigual desde os primeiros anos de escolarização e tratando também da assistência social às famílias, bem como da conscientização das mesmas sobre a importância da educação para o exercício da cidadania em que trajetórias escolares não sejam interrompidas. Através dos sistemas educativos também é preciso refletir que respeitar esses direitos ajuda a reduzir desigualdades.

A família, a escola e a sociedade assumem diferentes e importantes papéis, não devendo sobrepor-se em apenas um elemento às responsabilidades inerentes às trajetórias escolares paralisadas.

Os desafios encontrados nesses processos de transição demonstram que essa fase não aconteceu de forma tranquila para as estudantes, haja vista que uma delas encontrou obstáculos de ordem burocrática no caminho, quanto à questão de não ter em mãos o documento de transferência da escola anterior. Observamos que até mesmo questões como esta podem desencadear um novo desestímulo ao retorno, quando jovem e escola não encontram caminhos para solucionar esses entraves. Neste caso específico, a questão foi resolvida sem maiores transtornos. No caso da outra estudante, a maternidade na adolescência adiou temporariamente não a matrícula, mas a frequência às aulas da escola nos primeiros meses, pois ela precisava de uma rede de apoio que auxiliasse nos cuidados com o filho. Ao conseguir essa assistência, ela pode então dar continuidade aos estudos. Concordamos com Pantoja (2003) que observa que a maternidade na adolescência fortaleceu a permanência jovem na escola, uma vez que a escolaridade, nas suas pesquisas sobre uma análise sócio-antropológica da gravidez/maternidade na adolescência, esteve associada às noções de mobilidade social e ao projeto de “ser alguém na vida.”.

No campo da relação entre trabalho e EJA reafirmamos que trabalhar e estudar são componentes comuns aos sujeitos nela matriculados, mas os fatores que encontramos representam especificidades de gênero, portanto, se diferenciam dos que encontramos nas pesquisas com os homens, pois as construções sociais de ser mulher produzem outras exclusões. Quando se trata de mulheres pretas ou pardas que cumprem

duplas, às vezes triplas jornadas, o termo "trabalho" assume outras significações. É o que também revela nossa pesquisa com as estudantes: uma reúne trabalhos domésticos, cuidados com o companheiro, com o trabalho informal de um dia inteiro e ainda o ter que vir à escola no horário noturno, enquanto a outra também refere cansaço devido ao cuidado com o filho, com a casa que fica sob sua responsabilidade enquanto a mãe trabalha em dois turnos. Para as mulheres, esses fatores pesam quando decidem buscar uma escola para se matricular, quando se esforçam para permanecer neste ambiente, ainda que cansadas de suas lutas diárias. Não se pode, portanto, dissociar as trajetórias pessoais das escolares, pois elas estão correlacionadas e fizeram parte desse processo de transição.

Enquanto os estudantes do sexo masculino relatam como causa o impasse em dedicar-se ao trabalho e ao estudo simultaneamente, as alunas de diferentes idades retratam o desafio de estudar e realizar as atividades domésticas e familiares, principalmente depois de casadas e/ou com filhas/os (Mota Dos Santos Barreto, M. C., & Barbosa Da Silva Musial, G., 2021, p. 223).

Percebemos que nesta busca da escola advém angústias que atravessam as juventudes das classes populares, já que a conscientização de que através dos estudos há possibilidade de melhores condições sociais, principalmente em caráter profissional, estão presentes nos discursos das estudantes. Essa busca é permeada de sensação de perda de "muito tempo" e de expectativas quanto ao futuro, reverberando em questões psicológicas como a ansiedade, dada a apreensão quanto às dificuldades futuras na vida adulta. Foi necessário um processo decisório que não abria espaço para procrastinações. *“Na verdade minha irmã estudou aqui e aí ela falou um dia: vamo... e eu vim! Ela ficou falando, chamando.”* (**Informante 1**).

Diante das informações apresentadas e das análises produzidas, levantamos as seguintes reflexões: não podemos naturalizar esse processo de transição de jovens da educação básica regular para a modalidade de educação de jovens e adultos, mesmo sendo este fator comum nos últimos anos. Não é aceitável que fatores internos ou externos à escola reproduzam situações de exclusão.

Não podemos deixar de ratificar que questões como índices de repetência e retenção escolar, também reverberam nas trajetórias escolares e influenciam os casos de “migração” de alunos do ensino regular para a educação de jovens e adultos, apontados

nos últimos censos escolares. Isso deveria ser um alerta para que a sociedade organizada e os sistemas educativos discutam, apresentem e realmente atuem em prol de soluções para evitar também, com relação aos fatores internos, esses transtornos.

Refletimos que todos podem se sentir pertencentes à comunidade escolar quando há integração família e escola através do diálogo sobre problemas enfrentados para manter seus filhos estudando. Quando há ações intersetoriais entre os diversos entes da sociedade subsidiados pelo Estado com o trabalho conjunto entre os órgãos educacionais, de assistência social e saúde, isso permite reduzir as desigualdades no seio das famílias e os direitos das crianças, adolescentes e jovens podem ser efetivamente assegurados. Isto está disposto nas diretrizes gerais número 2 da lei sobre a juventude que visa o gozo de direitos simultâneos nos campos da saúde, educacional, político, econômico, social, cultural e ambiental.

As leis de diretrizes e bases da educação e do estatuto da juventude asseguram direitos à continuidade de escolarização na EJA, demonstrando que as ações pedagógico-formativas oportunizam um recurso essencial de renovação de esperança nos projetos de vida dos estudantes. É fundamental que a escola mantenha constante diálogo sobre adaptações pedagógicas que possam evitar uma nova evasão, novas exclusões e ainda mais angústias para os estudantes. Isso se faz em relação com eles que devem ser vistos como protagonistas de sua aprendizagem.

As jovens com quem falamos encontraram no ambiente escolar atual o acolhimento necessário às suas necessidades e relataram que as relações interpessoais com o corpo pedagógico da instituição teve fundamental importância diante do retorno aos processos de ensino e aprendizagem. Receios e esperança atravessaram suas trajetórias de retorno. Esperança é o que move seus novos caminhos. É o que demonstram nos discursos quando referem que ficarão tristes quando saírem da escola, que professores e colegas ajudam quando necessário, que se sentem respeitadas, compreendidas e valorizadas e que mesmo cansadas insistem em continuar na busca de dias melhores, de resgates de si.

Concluimos que o papel da escola que oferta a modalidade da EJA vai muito além dos conteúdos curriculares, à medida que reconhece na diversidade de sujeitos que buscam dar continuidade à formação, os direitos a eles conferidos e procura criar vínculos desde os primeiros encontros com os estudantes. O olhar atento sobre as pessoas em suas diversidades, o respeito às histórias de vida, às diversas formas de ser e

estar no mundo e às diferenças são essenciais na promoção de uma educação de fato libertadora. Esse olhar humanizado deve se estender a todas as etapas da educação básica, não sendo exclusividade da modalidade de educação de jovens e adultos. É urgente ter um novo olhar sobre essas rupturas, para que não se repitam continuamente, afinal os jovens que chegam à EJA estão simplesmente exercendo seus direitos à uma educação de qualidade, a não se verem mais perdidos, a não ser silenciados, a ter seus conhecimentos de mundo reconhecidos e reescrever suas histórias positivamente. O retorno à escola por esse público cada vez mais jovem na modalidade da EJA expressa que a escola ainda é parte significativa de seus projetos de vida.

REFERÊNCIAS

Arroyo, Miguel G. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Editora Vozes Limitada, 2017.

Arroyo, Miguel. Formar educadores e educadoras de jovens e adultos. In: Soares, Leôncio José Gomes (Org.). Formação de educadores de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 17-32.

Benevides, Pablo Severiano. O Dispositivo Da Verdade: Uma Análise a Partir Do Pensamento De Michel Foucault. 2013.

Bourdieu, Pierre. (1978), Entrevista publicada em Les Jeunes et le Premier Emploi Paris, Association des ges, pp. 520-530, reeditada em P. Bourdieu, Questions de sociologie. Paris, Les Éditions de Minuit, 1980, pp. 143-154.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Resumo Técnico do estado de Pernambuco: Censo Escolar da Educação Básica 2021. Brasília, DF: Inep, 2022.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. INEP, 2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. INEP, 2022.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara De Educação Básica . Parecer CNE/CEB n.11/2000. Brasília: CNE: MEC mai. 2000

Carvalho, Carolina Coimbra de; LIMA, Francisca das Chagas Silva. Juventudes, educação e trabalho: reflexões sobre os desafios da escolarização na educação de jovens e adultos. 2017.

Da Silva, Tatiana Gonçalves et al. Jovens negras da EJA e sua identidade racial: qual a contribuição da escola neste processo?. 2011.

De Souza Minayo, Maria Cecília; Costa, António Pedro. Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. Revista Lusófona de Educação, n. 40, p. 11-25, 2018.

Fernandes, R. F. **Causas da evasão escolar da educação básica na percepção de alunos da educação de jovens e adultos.** Distrito Federal: Universidade de Brasília, dezembro, 2013. Disponível em: <http://bdm.unb.br/handle/10483/6885>. Acesso em: 18 ago. 2023

Fischer, Rosa M. B. Foucault revoluciona a pesquisa em educação? Perspectiva. Florianópolis, v. 21, n. 2, 2003, p. 371-389.

Gil, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

Gomes, N. L. Educação de Jovens e Adultos e questão racial: algumas reflexões iniciais. IN: Soares, L. Giovanetti, M. A. G. C.; Gomes, N. L. (Orgs.). **Diálogos na educação de jovens e adultos.** 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 87-104.

Matrículas para Educação de Jovens e Adultos seguem na Rede Municipal do Paulista. Disponível em: <https://www.paulista.pe.gov.br/site/noticias/detalhes/10571>. Acesso em: 13 jun. 2023

Mota dos Santos Barreto, M. C., & Barbosa da Silva Musial, G. (2021). MULHERES DA CLASSE TRABALHADORA NA EJA: PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO E CONCILIAÇÃO COM O TRABALHO. Revista Trabalho Necessário, 19(40), 216-238. <https://doi.org/10.22409/tn.v19i40.50714> (Original work published 12º de novembro de 2021)

Pais, J. M. A construção sociológica da juventude - alguns contributos. **Análise Social**, v. XXV, n. 105 - 106, p. 139 - 165, 1990.

Pantoja ALN. "Ser alguém na vida": uma análise sócio-antropológica da gravidez/maternidade na adolescência, em Belém do Pará, Brasil. Cad Saúde Pública. 2003;19(Suppl 2):S335-S43.

Rocha, D.; Daher, M. D. C.; Sant'Anna, V. L. de A. A ENTREVISTA EM SITUAÇÃO DE PESQUISA ACADÊMICA: REFLEXÕES NUMA PERSPECTIVA DISCURSIVA. Polifonia, [S. l.], v. 8, n. 08, 2004. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1132>. Acesso em: 10 mai. 2023.

Rodrigues, Flávia Covalsky de Souza et al. "Se eu aprender, não vou ser um carro atolado no lugar": trajetórias escolares de jovens no percurso para a EJA. 2021. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria.

Santos, Andressa Marinho dos. Por que os adolescentes estão se transferindo para EJA?. 2020.

SEVERIANO, Pablo. Pesquisar com Michel Foucault. **TEXTURA-Revista de Educação e Letras**, v. 18, n. 36, 2016.

Sposito, Marília Pontes. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. Revista Brasileira de Educação, n. 13, p. 73-94, 2000.
_ (1997): Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. Revista Brasileira de Educação N°13. São Paulo: anped.